

# A “DOMUS” E AS INTERPELAÇÕES DE FRANCISCO: PÃO, SABEDORIA E TERNURA

*Tatiana Oliveira Vieira\**  
*Edvaldo Antonio de Melo\*\**  
*Cristiane Pieterzack\*\*\**  
*Romualdo Dias\*\*\*\**

## 1. Introdução

A Domus ASF é um serviço que nasce da interpelação da realidade, diante dos desafios, e também da interpelação da própria Igreja, estimulada pelo movimento dos Sínodos e pelas interpelações oriundas da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris laetitia* e da Carta Encíclica *Fratelli tutti* do Papa Francisco.

O serviço da Domus ASF se articula e se efetiva através de dois eixos: o da pesquisa, formação e educação nas áreas humanas; e o do serviço, na perspectiva do cuidado e do atendimento às famílias nas mais diversas áreas, tendo sempre como pano de fundo a perspectiva da formação integral da pessoa humana. Do ponto de vista físico, a Domus ASF tem sua referência na cidade de Santa Rosa, no Rio Grande do Sul, na Itália, em Roma, com representação também nos Estados Unidos, na cidade de Chicago.

A seguir, apresentaremos as falas que compõem este painel da Domus, com a temática sobre as interpelações do Papa Francisco, tocando a realidade efetiva através do sentido metafórico do pão, da sabedoria e da ternura.

---

\* Pós-graduada em Leituras Bíblicas e Mundo Contemporâneo, Especialista em Educação especial e inclusiva, Graduada em Pedagogia e em Serviço Social, Pesquisadora Domus ASF. E-mail: tatiana@domusasf.com.br

\*\* Pós-doutorado em Filosofia, professor, coordenador do Curso de Filosofia e diretor acadêmico da Faculdade Dom Luciano Mendes (FDLM) de Mariana, Minas Gerais (Brasil). Formador da Domus ASF. E-mail: edvaldoantonio87@gmail.com

\*\*\* Doutora em Filosofia, pesquisadora Domus ASF, presidente da Associação Domus ASF de Roma, professora e colaboradora nos trabalhos e projetos de pesquisa da Faculdade Dom Luciano Mendes (FDLM) de Mariana, Minas Gerais (Brasil). E-mail: ir-cris@hotmail.com

\*\*\*\* Pós-doutorado em Ciência Política, professor da UNESP, Campus de Rio Claro, SP. Membro do Conselho do Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Petrópolis. Assessor pedagógico do Common Action Fórum, em Madri/Espanha. Formador da Domus ASF. E-mail: romualdo.dias@commonactionforum.ne

## **2. Domus ASF: uma tentativa de resposta às interpelações do tempo presente**

O título do Simpósio “Francisco e as interpelações do tempo presente” nos permite colocar em destaque a figura do Papa Francisco, com a atenção dirigida para dois aspectos relacionados com o modo dele responder aos desafios colocados pela história. Diante das interpelações formuladas pelo tempo presente, o Papa responde em sua posição de testemunha e de profeta. Enquanto testemunha ele se mostra em uma posição de intensa atenção diante dos gritos vindos do mundo inteiro. Enquanto profeta, ele denuncia o sofrimento e a nossa desumanização crescente em um acelerado processo de aumento da barbárie em toda a sociedade. Ele também anuncia a necessidade de nos envolvermos com urgência na invenção de outro humanismo.

Esta posição do Papa, enquanto testemunha do sofrimento do mundo e enquanto profeta a convocar o novo humanismo nos obriga a reconhecer o papel do Cristianismo na criação do humanismo no Ocidente. Há uma experiência de construção a ser considerada e a ser mobilizada para nos habilitar frente aos novos desafios. Para inventarmos outro humanismo precisamos usar a memória do Cristianismo e a sua experiência acumulada enquanto experiência de fraternidade universal.

O posicionamento do Papa Francisco nos permite formular uma pergunta: qual é a responsabilidade dos cristãos diante deste desafio colocado pelo nosso tempo como uma interpelação para a reinvenção do humanismo?

A interpelação do tempo presente e o testemunho do Papa nos fazem pensar sobre a nossa responsabilidade enquanto uma condição de formular respostas eficazes para o sofrimento de todos em suas múltiplas expressões, sejam elas de adoecimento, violência, fome, desigualdade, desesperança, solidão, anemia dos sonhos, etc.

A Domus ASF é uma das diversas tentativas de responder de forma propositiva a estas interpelações, portanto, a partir de agora, de forma simples e singela, passamos a narrar a experiência da Domus ASF, deixando evidente a abordagem de família que buscamos desenvolver. Acreditamos que o relacionamento em família não é somente uma construção sociológica casual, fruto de situações históricas e econômicas, mas responde à realidade mais profunda do ser humano, é onde tudo começa, é a base da formação do sujeito em suas experiências fundamentais.

Iniciamos por explicar o nome Domus que identifica e serve de pilar para o serviço de atendimento à família, promovido por um grupo de religiosas, juntamente com leigos e leigas que comungam e cultivam uma espiritualidade ligada à uma profunda tradição inspirada nas

figuras de São Francisco de Sales e do Cardeal José Guarino, fundador do Instituto das Irmãs Apóstolas da Sagrada Família.

Domus significa casa, aquele espaço vital – que para os cristãos deve se tornar igreja – e que para todos é o lugar onde o amor encontra correspondência e onde os membros crescem em todas as dimensões. Para que isso aconteça se faz necessário “cuidar com amor da vida das famílias” (Papa Francisco, *Amoris Laetitia*, n.7).

A Domus ASF é constituída de uma equipe multidisciplinar com ampla formação em ciências humanas, especialmente nas áreas da pedagogia, psicologia, sociologia, teologia, filosofia e outras áreas afins, com a missão de se dedicar exclusivamente a um serviço especializado e direcionado objetivamente às famílias.

O serviço prestado pela Domus ASF está à disposição da Igreja e da sociedade. Consideramos de fundamental importância a reciprocidade entre família e Igreja: a Igreja é um dom para a família; a família, um dom para a Igreja. A salvaguarda deste dom compete não só à família individual, mas a toda a comunidade cristã. Da mesma forma, consideramos que a complexa realidade social pode representar um desafio para as famílias. Por isso, o compromisso do serviço de promover a defesa dos direitos da instituição familiar e de políticas justas que a favoreçam e a protejam.

Sendo assim, em âmbito eclesial a equipe da Domus ASF acompanha os casais durante a preparação para o matrimônio, nos primeiros anos de vida matrimonial, no momento de acolher uma nova vida, no contexto educativo e de transmissão da fé, nos momentos de crise e de dificuldades. O acompanhamento se faz por meio de encontros, atendimentos individuais, formações, retiros. E em âmbito social, a equipe Domus ASF atende as necessidades das famílias em situação de risco através de projetos sociais e atendimentos individualizados. Oferece terapias nas áreas da psicologia, fonoaudiologia e psicopedagogia e cuida com muita atenção das famílias com situações de dificuldades de inclusão e aprendizado, entre outras.

A cada dia, temos compreendido com mais clareza que a nossa principal contribuição é de fato colocarmo-nos a caminho com todos aqueles e aquelas que nos procuram, com disposição de acompanhar e iluminar no discernimento das realidades que tocam a vida humana, com muito respeito, acolhida e compromisso ético.

Na sequência, ficará ainda mais evidente os principais temas com os quais a Domus ASF se ocupa:

- 1) O Prof. Pe. Edvaldo Antonio de Melo (Domus ASF – FDLM) apresentará a temática: “Por um ‘novo humanismo’: a gramática da fraternidade solidária de

Francisco”. Trata-se de uma reflexão a partir de três palavras-chave: “pão”, “sabedoria” e “ternura”, inspiradas no Papa Francisco e com fundamentação teórica no pensamento do filósofo franco-lituano Emmanuel Lévinas, que nos oferece bons elementos para pensar a questão de um “novo humanismo”;

- 2) Em seguida, a Prof.<sup>a</sup> Ir. Cristiane Pieterzack (Domus ASF – FDLM), na sua contribuição nos recordará que “somos muito mais que dois”, procurando elucidar que a Domus ASF, parte da pessoa na sua unicidade, que se expressa na maternidade, paternidade, filiação e na sua abertura ao “terceiro” que se expressa na fraternidade.
- 3) Enfim, teremos a fala do Prof. Romualdo Dias (Domus ASF – UNESP), “Formar e educar por inteiro na reinvenção do humanismo” que nos alerta para a consciência de que todos nós, juntos, precisamos nos salvar diante de uma onda de barbárie a que está a assolar o mundo. O professor pontuará a necessidade de um esforço coletivo, citando o texto que nos convocava para este Simpósio Filosófico-Teológico: “Essa consciência supõe discernir caminhos que tornem possível o desenvolvimento de uma economia que esteja a serviço do bem comum, de uma sociedade fraterna e de uma educação integral e humanizada”.

### **3. Por um “novo humanismo”: a gramática da fraternidade solidária de Francisco**

Tendo em vista o título do Simpósio – “Francisco e as interpelações do tempo presente” – sentimo-nos interpelados por esta reflexão a partir de três palavras-chave: “pão”, “sabedoria” e “ternura”. Para tal, além das inspirações do Papa Francisco, recorreremos à fundamentação teórica do filósofo franco-lituano Emmanuel Lévinas que nos oferece bons elementos para pensar a questão de um “novo humanismo”<sup>1</sup>.

Lévinas não viveu somente os dramas das duas Guerras Mundiais, mas também sofreu na pele os horrores dos campos de concentração e o que pode ser entendido como a “morte do homem” diante das aberrações ideológicas dos regimes totalitários (nazismo, fascismo, stalinismo), alimentadas pelas filosofias positivistas, subjetivistas e aniquiladoras do humano. Foi justamente a partir dessas duras experiências de guerras, mediadas pela sua formação

---

<sup>1</sup> Recorremos, sobretudo, às suas obras: *Totalidade e Infinito: ensaio sobre a exterioridade* [1961]. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70; *Humanismo do outro homem*. Trad. Pergentino S. Pivatto et al., Petrópolis: Vozes, 1993, que recolhe três textos do autor entre os anos de 1961-1963, são eles: “Significação e sentido”; “Humanismo e an-arquia”, “Sem identidade”. Nas citações seguintes, utilizaremos as siglas HOH para a obra *Humanismo do Outro Homem*, e TI para *Totalidade e Infinito*.

familiar no judaísmo e das leituras literárias e filosóficas, sobretudo, dos textos oriundos da fenomenologia com Husserl e Heidegger que Lévinas desenvolve sua filosofia.

A questão posta por nós sobre o “novo humanismo” é também perpassada por outras como a do “humanismo” em tempos de “transumanismos”<sup>2</sup> ou de “pós-humanismo”. E em tempos de pandemia, precisamos acrescentar as questões ligadas à resistência para com a fraternidade, a saber, a alteridade do outro. Eis a seguir o trecho de uma conferência de Lévinas “Humanismo e an-arquia”, que se encontra em sua obra *Humanismo do outro homem*, que nos abre para questões postas também pelo Papa Francisco:

A crise do humanismo em nossa época tem, sem dúvida, sua fonte na experiência da ineficácia humana posta em acusação pela própria abundância de nossos meios de agir e pela extensão de nossas ambições. No mundo, em que as coisas estão em seu lugar, em que os olhos, as mãos e os pés sabem encontrá-las, em que a ciência prolonga a topografia da percepção e da *práxis*, mesmo ao transfigurar seu espaço; nos lugares onde se localizam cidades e campos que os humanos *habitam*, ordenando-se, segundo diversos conjuntos, entre os *entes*; em toda esta realidade “correta”, o contra-senso dos vastos empreendimentos frustrados – em que política e técnica resultam na negação dos projetos que o norteiam – mostra a inconsistência do homem juguete de suas obras. Os mortos que ficaram sem sepultura nas guerras e os campos de extermínio afiançaram a ideia de uma morte sem amanhã e tornam tragicômica a preocupação para consigo mesmo e ilusórias tanto a pretensão do *animal rationale* a um lugar privilegiado no cosmos, como a capacidade de dominar e de integrar a totalidade do ser numa consciência de si (HOH, p. 82-83).

A citação acima aproxima-se do desafio de colocar a questão do sentido neste tempo de insensatez no qual vivemos. Somos assolados pela miséria e pela fome, mas, sobretudo, pelo medo da pandemia – medo de morrer sem a vacina, sem uma sepultura digna – e cair no esquecimento de um campo de extermínio pelo vírus da des-razão humana. É neste cenário amargo da história que emerge Francisco.

O texto acima referido nos remete ao contexto vivido por Lévinas que também constata a insensatez humana que forja as guerras e os campos de extermínio. Em outras palavras, trata-se, hoje, da mentalidade neoliberal que vem manipulando a consciência da humanidade: colonizando o território do pensar e deixando os corpos sem sepulturas. O grito de Francisco é pela tomada de consciência (*consapevolezza*) – afinal, quem sou? Quem *somos*?

---

<sup>2</sup> Sobre as propostas do “transumanismo” surgidos dos estudos geneticistas aplicados na saúde humana biológica e suas implicações éticas, sugerimos a leitura do artigo: PESSINI, Leo. *Bioética, Humanismo e Pós-humanismo no século XXI: Em busca de um novo ser humano?* Disponível em: <<https://www.camilliani.org/wp-content/uploads/2018/11/testo-br.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

### 3.1 A gramática da fraternidade solidária

Em nosso entendimento, “pão”, “sabedoria” e “ternura” constituem a gramática da fraternidade solidária. Os discursos do Papa Francisco estão recheados destas palavras que nos remetem a três interpelações de seu magistério: 1) “a economia de Francisco”<sup>3</sup>, sob o viés radical do Evangelho, do desapego, do não acúmulo das riquezas, do dar de comer a quem tem fome. Ora, tal proposta tem uma ressonância com a ética levinasiana que emerge da “epifania do outro”<sup>4</sup>; 2) a dimensão política mediada pela justiça e pela solidariedade entre as nações. Pode-se notar que Francisco pensa a política não como uma estrutura, mas a partir da “pequena bondade”, conforme inspiração originária do romance russo *Vida e destino*, de Vassili Grossman, que influenciou o pensamento de Lévinas; 3) o modo como Francisco pensa a sociedade integral, sob o viés da educação e da fraternidade.

Em sua Encíclica *Fratelli tutti*, cujo caráter é social, o Papa afirma seu desejo

[...] como humilde contribuição para a reflexão, a fim de que, perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de *reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social* que não se limite a palavras. [E o Papa continua]. Embora a tenha escrito a partir das minhas convicções cristãs, que me animam e nutrem, procurei fazê-lo de tal maneira que a reflexão se abra ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade (*Fratelli tutti*, n. 6, grifo nosso).

Não vamos fazer uma abordagem “genética” das referidas questões que se encontram de modo específico nos documentos do Papa Francisco – *Evangelii gaudium* (2013), *Amoris laetitia* (2016), *Fratelli tutti* (2020). No entanto, nossa abordagem é inspirada, sobretudo, neste documento mais recente sobre “a fraternidade e a amizade social”. Ressaltamos ainda que se trata de uma fala que emerge no contexto dos cinco anos da *Amoris laetitia* e também da exortação apostólica *Patris corde – Com coração de pai*. Temos, portanto, elementos suficientes para as questões desafiadoras de nosso tempo. Mais do que respostas, deixemos ser interrogados pela proposta de Francisco: pelo *porquê* e pelo *como* afrontar as interpelações do tempo presente sob o viés das necessidades básicas do ser humano. Na verdade, somos interpelados pelo princípio da dignidade humana que consiste em dar ao outro o direito de sonhar e pensar numa humanidade diferente, conforme a proposta da *Fratelli tutti*, n. 127:

[...] se se aceita o grande princípio dos direitos que brotam do simples fato de possuir a inalienável dignidade humana, é possível aceitar o *desafio de sonhar e pensar numa humanidade diferente*. É possível desejar um planeta que garanta *terra, teto e trabalho* para todos. Este é o verdadeiro caminho da paz, e não a estratégia insensata e míope de semear medo e desconfiança perante ameaças externas (grifo nosso).

<sup>3</sup> Ver texto disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598959-economia-de-francisco-e-claro-uma-introducao>>.

<sup>4</sup> “É a irrupção do outro que desmente a totalidade” e nos abre para a transcendência. Ver texto disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/575032>>.

Com base na citação acima, constatamos que é o mesmo ser humano sedento de *pão* que também *sonha* e *deseja* um mundo melhor, mais fraterno e justo. Por detrás do sonhar e desejar, está a busca por uma “humanidade melhor”, um “novo humanismo” que atravessa a mente e o coração de cada homem e de cada mulher, desde a criança ao idoso, e atinge todo a criação, abraça tudo o que existe. Este novo modo de abraçar tem um rosto e um nome: ternura e carícia.

Luis Carlos Restrepo, em seu livro *O direito à ternura*<sup>5</sup>, citando os *Estatutos do homem* de Thiago de Mello, afirma: “Não, não pretendemos [...] abandonar a palavra ternura no *pântano enganoso das bocas*, pois queremos, ao contrário, fazer dela algo vivo, *como um fogo ou um rio, ou como a semente de trigo*”. Sim, é desta semente da ternura que germina o trigo que nos dá o pão das relações, o pão dos sonhos. Em outras palavras, a ternura nos conduz à “casa do pão” que é Belém (*Bait-lehem*).

Intimamente unida à experiência da casa de Belém, temos a experiência da Domus ASF que vem fazendo um lindo trabalho de acolhimento às famílias. A Domus entende que a família está na base da educação. Sem esta educação a criança não se desenvolve, não cresce. A criança precisa de carinho e pão. Neste sentido, intuímos que uma das “inter-pele-ações” de Francisco consiste em nos dar o “pão” da fraternidade na qual sonho e desejo se entrelaçam. A fraternidade se constitui nas relações humanas concretas, relações originalmente fundadas na “sabedoria do amor” que nos constitui e nos envolve. Eis o jeito de ser da ternura e da carícia!

### **3.2 Da hipocrisia social à exigência radical da ética (alteridade/santidade)**

Diante dos desafios colocados pela história presente, e respondendo às interpelações do Papa, esta nossa fala visa denunciar o sofrimento gerado pela hipocrisia social. Nas palavras de Lévinas, é o infinito – entendido por nós como “sonho” e “desejo” – que dá significância ética às nossas relações. Contudo, a ética não se reduz a um mandamento, pois o insaciável do desejo toca aqui uma dimensão ainda mais elevada do humano: o desejo de santidade atravessado pela exigência radical da ética. Para saciar esta exigência radical é preciso desmascarar toda e qualquer hipocrisia que nos tira do chão da vida, da realidade.

O infinito vem-me à ideia na significância do rosto. O rosto *significa* o Infinito. Este nunca aparece como tema, mas na própria significância ética: isto é, no facto de que quanto mais justo eu for mais responsável sou; nunca nos livramos de outrem. Há um infinito na exigência ética por ela ser insaciável? [Pergunta Philippe Nemo]. Sim. Ela

---

<sup>5</sup> RESTREPO, Luis Carlos. *O direito à ternura*. Trad. Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 9.

é exigência de santidade. Ninguém pode dizer em momento algum: cumpri todo o meu dever. Exceto o hipócrita...” [Responde Lévinas] (LÉVINAS, 1988, p. 97)<sup>6</sup>.

O hipócrita age como se tudo fosse normal. A hipocrisia tem um outro nome: “normose doentia” que aniquila as diferenças como se tudo fosse igual, e fomenta, de modo velado, a própria violência. A fala do Papa é profética no sentido de desmascarar a hipocrisia social sustentada pelo discurso do neoliberalismo que afirma ser tudo normal e igual, propagando o sofrimento alheio. Precisamos inverter esta afirmação: somos e pensamos diferentes. Se o nascer e o morrer nos igualam, o viver põe radicalmente nossas diferenças, sejam elas do ponto de vista social, cultural, religioso, dentre outras. Portanto, é necessário e urgente perguntar pelo *porquê* da injustiça, da miséria, da fome e tomarmos atitudes. Por detrás do discurso da “igualdade”, está escondido o neoliberalismo que alimenta cada vez mais nossa desumanização em um acelerado processo de crescimento da barbárie em toda a sociedade.

Mesmo diante das perseguições, da violência e da barbárie, há a unicidade do “eu”, eleito e convocado a responder pelo “outro” – absolutamente outro – que permanece de modo inviolável. A partir deste lugar originário da unicidade do “eu” enquanto rosto, somos interpelados pela ética da alteridade. Trata-se de uma alteridade capaz de diferenças, sem reduzir o outro às necessidades do “eu” e nem mesmo de reduzir o “eu” a um altruísmo doentio. O “outro” tem uma história “concreta” (em-existência), tem rosto, sente fome e sede, deseja – é habitado pelo Eros – e também é sedento de justiça e relações. Nas palavras de Lévinas, “Viver é como um verbo transitivo do qual os conteúdos da vida são os complementos diretos” (TI, p. 97). O pão não é, portanto, somente um objeto (útil), nem uma representação de pão. O “pão” é alimento. É preciso se alimentar (*nourrir*). “Viver de pão” – de meu trabalho e do “meu” pão (TI, p. 97) – não é somente um divertimento para mim e nem um ocupar o vazio de meu tempo. É o jeito humano de ser no mundo. Sendo assim, é o ser humano que dá sentido ao trabalho.

Faz-se, portanto, urgente a invenção de outro humanismo a partir do “outro homem”, do homem que tem sede e sonha, que também se incomoda com as injustiças e não aceita a colonização das consciências pelo sistema neoliberal. Uma significação cultural que não levasse em consideração as particularidades do humano seria manca e sem sentido, conforme se pode ver em sua obra *Humanismo do outro homem*, nas duras críticas de Lévinas à “significação econômica” (HOH, p. 41-43), oriundas dos avanços técnico-científicos. Trata-se de uma significação que parte do discurso da satisfação das necessidades humanas, mas que, na

---

<sup>6</sup> *Ética e infinito*. Tradução: João Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.



verdade, emerge justamente por: 1) alimentar o desejo do consumismo, transformando o trabalho numa desenfreada competição pelo enriquecimento em detrimento do ser humano; 2) acaba por reconduzir o humano aos complexos do psiquismo e da estrutura econômica. A significação acaba por responder ao jogo dos interesses do mercado. Passamos a trabalhar para satisfazer o sistema e não mais por uma necessidade humana, familiar e social.

Em nosso entendimento, não se pode negar que o ser humano é um ser histórico, e por isso parte de um devir cultural. No entanto, reduzir todas as necessidades humanas à significação cultural acaba também por destruir o próprio humano e por justificar a guerra que é próprio da mentalidade colonizadora. De modo poético e crítico, Lévinas afirma:

A absurdidade não consiste no não-sentido, mas no isolamento das significações inumeráveis, na ausência de um sentido que as oriente. O que faz falta é o sentido dos sentidos, a Roma para onde convergem todos os caminhos, a sinfonia em que todos os sentidos se tornam cantantes, o cântico dos cânticos. A absurdidade tem a ver com a multiplicidade, na indiferença pura (HOH, p. 46).

Conforme a leitura de Mario Vergani, em seu livro *Levinas fenomenológico: umano senza condizioni*, o pensamento levinasiano parte do “não-lugar” da condição humana, ou melhor, da própria “in-condição” humana:

A humanidade do humano é sem condições porque é o outro que nos torna humanos. [...] Lévinas prefere o termo *humano* [*humain*] ao invés de *homem* [*homme*], para libertar-se do humanismo clássico, não suficientemente humano quando atribui ao homem um privilégio entre todos os entes, enquanto subjetividade substancial (VERGANI, 2011, p. 5-6, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Tomar como ponto de partida esse “não-lugar” significa admitir uma significação que emerge do *desejo* do Infinito que nos habita. Não se trata de um desejo desencarnado, mas de um *desejo* que perpassa as entranhas do humano. Esta linguagem das “entranhas” exprime aqui o sentido da misericórdia proposto pelo Papa Francisco. E não há oposição entre a necessidade do pão, da sabedoria e da ternura. A mediação do outro é necessária para que o pão chegue à mesa, para que a sabedoria seja compartilhada de modo sensato e para que as relações sejam construídas na ternura.

---

<sup>7</sup> VERGANI, Mario. *Levinas fenomenológico: umano senza condizioni*. Brescia: Morcelliana, 2011.

## 4. Atravessamentos: “Somos muito mais que dois”

### 4.1 Da intimidade à proximidade: “pão” ou sobre a significação

Tendo como ponto de partida esta visão de humanismo – um humanismo do “Outro Homem” como bem descrito acima, podemos dizer, em síntese, que a Domus ASF se debruça sobre dois tipos de relação: àquelas que chamamos relação de intimidade – relação do eu consigo mesmo – e àquelas que chamamos de relação com o terceiro, ou “fraternidade”.

A relação de intimidade – que nos remete à ideia de “casa” (daí o correspondente latino *Domus*) – refere-se ao “psiquismo”, àquele mais originário encontro com a alteridade, um encontro anterior à própria consciência de si e à consciência do mundo, um psiquismo inicial, podemos assim dizer, que se constitui enquanto “Interioridade”, ou seja, enquanto “ser separado”, único. A relação de intimidade sustenta toda e qualquer possibilidade de abertura frente ao surgimento da “Exterioridade”, do outro enquanto outro de frente a mim. “Um” diante de “um outro”. A relação assim compreendida, isto é, como humanismo do Outro homem, é a prova de que Unicidade e Exterioridade não se contrapõem jamais.

A Domus ASF parte deste lugar: da pessoa na sua unicidade. A unicidade que, como já dito, se caracteriza como uma relação de intimidade se expressa, por sua vez, como maternidade, paternidade, filiação e fraternidade. Essas quatro relações são modos de expressão originários da nossa interioridade – da nossa “casa” – a nossa dinâmica de vida espiritual mais própria, ou seja, interior, que é de onde tudo parte e onde tudo se joga. Não é uma brincadeira. Neste palco tudo é sério, tudo é delicado, tudo é risco.

Uma *subjetividade maternal* é sinônimo de fecundidade, é dar vida ao outro até a substituição (Outro-no-Mesmo); é também passividade ao extremo, ou seja, é acolhida do outro que nos humaniza, é escuta da voz do outro que chega aos nossos ouvidos mesmo que não queiramos escutá-lo. Já a *subjetividade paternal* é “futuro”, é o que está por vir e que não tem conteúdo. Assim, podemos dizer que a fecundidade acolhe a “estrangeiridade” do pai, que é, através do filho, um outro. De fato, a *subjetividade filial* não é simplesmente uma renovação do pai ou sua confusão com ele. É interessante notar também a exterioridade do pai em relação à mãe. Pai e mãe são em uma subjetividade, um existir plural. A *fraternidade*, por sua vez, é a estrutura subjetiva fundamental de aproximação ao outro no ato da linguagem, no gesto ético da fala.

Maternidade, paternidade, filiação e fraternidade são, portanto, a origem subjetiva de toda e qualquer relação porque rompem com a estrutura fechada do ego. Deste modo,

maternidade, paternidade, filiação e fraternidade se caracterizam como “transcendência”, como “ir para além de si mesmo”. Toda casa tem uma porta e por essa abertura transcendemos, andamos em direção ao Outro. O “psiquismo” é, portanto, uma estrutura que possibilita o encontro com a alteridade. Ora, todo encontro é inevitavelmente, cuidado ou responsabilidade, uma vez que é um encontro imediato, anterior a qualquer compreensão intelectual ou gesto moral. Todo encontro é ético.

Uma das responsabilidades éticas mais importantes para um ser que é único e separado, é o desafio de cuidar do outro a tal ponto de “tirar o pão da própria boca” para dar ao outro. “Pão” aqui é entendido como a “Significação” mesma da ética nas suas quatro expressões – maternidade, paternidade, filiação e fraternidade. A vida é relação com tudo o que existe no cosmos, por isso, precisa ser promovida a partir de uma ética da proximidade, cujo principal e primordial sentido ou significação é a responsabilidade e o cuidado do “um (do eu)-pelo-Outro”. Escreve Papa Francisco na *Evangelii gaudium* 9: “Quem deseja viver com dignidade e em plenitude, não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem”.

#### **4.2 A ternura é para-com-o-outro: “O próximo mais próximo”.**

Em geral, a abordagem das questões vitais – as questões com significação – não começam com as questões últimas ou as exigências sociais, mas com o que a pessoa sente na relação com o outro “fora de si”, com o próximo mais próximo: “Onde és terno [três] dizes plural” (Barthes). A equipe Domus é constantemente chamada a debruçar-se sobre a concretude dessa relação de amor – que aqui chamamos ternura – entendido como um existencial concreto. [Amor é complicadíssimo..., por isso preferimos ternura!] Portanto, de início, descartamos as concepções psychologizantes e superficiais que identificam a ternura como mera emoção e excitação do sentimento face ao outro.

A concentração só no sentimento gera o sentimentalismo. O sentimentalismo é um produto da subjetividade mal integrada. É o sujeito que se dobra sobre si mesmo e celebra as suas sensações ou as sensações e emoções que o outro provocou nele. Não sai de si mesmo. (Pergunte à uma mãe se ternura é só um sentimento... ela saberá lhe responder). A ternura irrompe quando a pessoa se descentra de si mesma, sai na direção do outro, sente o outro como outro, participa de sua existência, se deixa tocar pela sua história de vida. O outro marca o sujeito. Esse demora-se no outro não pelas sensações que lhe produz, mas por amor, pelo apreço de sua pessoa e pela valorização de sua vida e luta. Como diz o Papa Francisco na *Fratelli tutti*: “A ternura é o amor, que se torna próximo e concreto. É um movimento que brota do coração

e chega aos olhos, aos ouvidos e às mãos. A ternura é o caminho que percorreram os homens e as mulheres mais corajosos e fortes”.

O enternecimento é a força própria do coração, é o desejo profundo de compartilhar caminhos, é o afeto que devotamos às pessoas nelas mesmas. Um afeto que, à sua maneira, nos abre ao acolhimento do outro. A relação de ternura não envolve angústia porque é livre de busca de vantagens e de dominação. A angústia do outro é minha angústia, seu sucesso é meu sucesso e sua salvação ou perdição é minha salvação e minha perdição e, no fundo, não só minha, mas de todos. A ternura é “intuição ética” e capacidade de sentir em profundidade. Para esclarecer o que quero queremos dizer com a expressão “intuição ética” nada melhor que ouvirmos Papa Francisco. O Santo Padre possui uma habilidade única em declinar grandes conceitos em metáforas, exemplos, expressões simples e admoestações, tais como: “Não tenhamos medo da ternura”; “Uma teologia da ternura”; “A revolução da ternura”; “O olhar de ternura”; “Escutar é o primeiro gesto de ternura”.

Comentando a ternura nos discursos e no modo de se relacionar do Papa Francisco, Bernardo Pérez descreve-a com estes termos:

[a ternura] implica caminhar para um novo paradigma: o paradigma do dom no qual somos gratos pela mera doação da existência. Neste contexto, o coração humano é “perturbado” pela natureza, que o penetra e explode em harmonia universal. É também comovida pela presença do outro e daqueles que pedem a sua compaixão. Por fim, este coração participante é envolvido pela presença do outro. Poderíamos também chamar a este paradigma do dom o paradigma da ternura. A ternura é uma condição essencial do ser humano, o movimento interior do ser humano que sai de si próprio para se encontrar com o outro, o próximo, e se deixa encher por ele. Ele deixa que o seu “eu interior” seja perturbado pela presença do mistério que envolve a realidade. Quando o homem vive tal experiência, o seu ser extingue os desejos e aspira apenas à plenitude da presença do que é outro e do outro<sup>8</sup>.

É a presença em mim “do próximo mais próximo”. Este é um antigo problema teológico (“Quem é o meu próximo?”) que se resolve com a ternura. Então, qual é o lugar da ternura? É o mundo cotidiano e os acasos que nele surgem. É lá onde se produz e reproduz a vida familiar e social. É lá onde se movimentam os interesses políticos, os grupos, as comunidades. É na vivência da rotina. São estes os espaços propícios para encontrarmos “o outro” e seu apelo.

### **4.3. A sabedoria do amor e o amor pela sabedoria**

A Domus ASF procura promover nas pessoas a capacidade de responder à interpelação que advém do contato íntimo e direto com o outro, que em geral nós chamamos de “contato da

---

<sup>8</sup> Ver texto disponível em: <<https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2021-03/por-012/uma-linguagem-br-radicalmente-pastoral.html>>, de 23 de março de 2021.

pele”. Através do contato ou carícia ou ternura – que é o modo de contato da pele – adquirimos um “conhecimento” que pode ser caracterizado como “sabedoria” para distingui-lo do termo “pensamento”, ao qual se associa o intelecto. É nesse sentido que a relação com outro “ensina”. Que sabedoria é essa? É uma sabedoria que primeiro acolhe – diríamos – que primeiro “responde” (por meio da acolhida) para somente em seguida pensar ou perguntar. É uma sabedoria que se faz proximidade, que imediatamente sabe dar resposta ao outro. É uma sabedoria do encontro. Na *Amoris laetitia* 139, descobrimos que é uma sabedoria que não se encerra obsessivamente nas ideias, na inflexibilidade, na incapacidade de reconhecer os maus sentimentos que podem surgir e relativizá-los. É uma sabedoria que nos torna capazes de expressar aquilo que sentimos, sem ferir; de utilizar uma linguagem e um modo de falar que o outro possa acolher, embora o conteúdo seja exigente; de expor as próprias críticas sem descarregar a ira como uma forma de vingança, e, sobretudo, capaz de evitar a linguagem moralizante que agride, ironiza, culpabiliza e fere.

Convém aqui dizermos uma palavra sobre as interferências nas relações dos grupos sociais. Existem muitos grupos que não admitem “atravessamentos” externos nas suas relações internas. Tomemos como exemplo o grupo familiar. Recordamos que até pouco tempo no Brasil era muito comum ouvir o seguinte ditado: “Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. (Por quê?) Mas podemos também tomar em consideração outros grupos mais amplos ou a sociedade em geral. Não é possível não pensarmos na universalidade dos bens e no princípio da igualdade sem que sejam atravessados pela unicidade de cada uma. Como também não podemos ignorar a presença dos “terceiros”, de todos os outros dos quais também sou responsável, mesmo os que ainda não vieram. Ora, se na relação ética originária o amor era a sabedoria mesma (o amor é sábio... sabe o que fazer!), com o qual um se doa ao outro indiscriminadamente, nos “atravessamentos” das relações, temos também que buscar e assumir um certo amor pela sabedoria. Em uma palavra, temos que pensar a política. Temos que avaliar, julgar, calcular, restabelecer a igualdade e a “distribuição” justa da minha responsabilidade.

Disso decorre que o atravessamento se dá também na tessitura de um espaço público, no qual se deve expressar e se encarnar o verdadeiro sentido da “Justiça” em seu caráter socialmente inclusivo, seja do ponto de vista econômico, cultural, de direitos e dos bens em gerais. Essa cultura que a *Domus* tenta promover se contrapõe, portanto, à ideia de grupos fechados e à ideia de indivíduo das sociedades econômicas-liberais na exata medida em que o encontro com o outro nos denuncia: denuncia a má distribuição da nossa responsabilidade.

Dado que hoje assistimos a uma clara desconstrução semântica da economia e das finanças, com consequências devastadoras para o desenvolvimento integral, para o bem comum e para as próprias democracias, espera-nos uma tarefa de re-pensamento, de re-segmentação ética, de um humanismo novo. A economia e as finanças, como atividades humanas, devem ser consideradas e praticadas como uma atividade do homem, com o homem e para o homem.

Segundo Papa Francisco está passando da hora de se criar uma economia nova e “honesta” que, inclusive, deve ser criada com a ajuda de uma “boa” política, de instituições públicas reformadas uma vez que não se trata apenas de dar comida, mas de permitir que as pessoas tragam pão para casa. É necessária a contribuição específica e insubstituível da política. Uma política pensada e realizada com a inteligência do sentir é uma das mais altas expressões de amor e de serviço.

O Papa Francisco afirma claramente que, para este fim, precisamos de políticos que se comprometam a “curar” as raízes profundas dos males sociais e que se preocupem verdadeiramente com a sociedade, as pessoas, a vida dos pobres, o meio ambiente. Uma nova mentalidade política e econômica se forma precisamente a partir da abertura à Transcendência, que ajuda a ampliar as perspectivas e a superar a dicotomia mortal entre a economia e o bem comum social. O caminho traçado nos últimos documentos do Papa Francisco, portanto, é um caminho revolucionário que traz as mudanças necessárias para a humanidade. E a ideia central nestes documentos é a de que nosso irmão não é só quem está próximo de nós. Em resumo, somos sempre “Muito mais que dois”, como diz a poesia de Mario Benedetti. Estamos sempre em três.

## **5. Formar e educar por inteiro na reinvenção do humanismo**

O texto de convocação do Simpósio nos alertava para a consciência de que todos nós, juntos, precisamos nos salvar diante de uma onda de barbárie que assola o mundo. Após esta chamada de nossa consciência para a necessidade de tal esforço coletivo o texto acrescenta: “Essa consciência supõe discernir caminhos que tornem possível o desenvolvimento de uma economia que esteja a serviço do bem comum, de uma sociedade fraterna e de uma educação integral e humanizada”.

O mesmo texto nos convida a pensar em outro modelo de organização da economia. A invenção de outro modelo nos desafia a fazer um trabalho profundo sobre as condições de nossas necessidades de trocas, pois deve partir do esforço de reconhecimento do fato de que somos seres incompletos e precisamos do outro para nos realizar em nossa precariedade.

Vivemos em relação de trocas durante toda a nossa vida. Para conseguirmos fazer boas trocas precisamos enfrentar o mercado capitalista neoliberal, pois ele nos submete a uma tirania de uma ordem econômica orientada pela competição.

O título do simpósio nos convoca a pensar, junto com o Papa Francisco, sobre os modos de respondemos às interpelações de nosso tempo. Voltemos a nossa atenção para o termo: “interpelações”. Já sabemos que elas vêm do tempo presente. O nosso tempo interpela a todos nós. O entendimento sobre o tempo presente nos faz dar um destaque para o nosso olhar sobre a história. Estamos presentes nesta história e nos perguntamos sobre o que podemos fazer enquanto sujeitos na história.

O uso do termo “interpelações” nos faz ver que o apelo está sendo dirigido a um coletivo. O fato real é que todos nós somos interpelados em conjunto. Todas as nossas formas de nos organizarmos em grupo estão sendo convocadas para dar as soluções mais eficazes ao sofrimento humano.

Esta perspectiva de abordagem do termo “interpelações” nos dá condições de formular um convite para que todos pensem juntos, nos pressupostos exigidos a uma condição de resposta. Há dois pressupostos em foco: o primeiro se refere à constituição de qual sujeito está melhor habilitado a responder as interpelações. E o segundo nos faz pensar sobre o termo “inter”, sobre aquilo que se coloca no “entremeio”.

O primeiro pressuposto nos faz perguntar pelo sujeito. Este sujeito não está constituído de uma vez por todas, pois o sujeito se constitui nos processos mesmos em que os grupos vão inventando as suas respostas mais eficazes. Assim, não partimos para a ação com a ilusão de que o sujeito já está aí formado. Ele não está pronto. Ele se forma nos processos coletivos. Nós nos constituímos sem cessar em meio aos nossos esforços de organização para solucionarmos os problemas que afetam a todos nós.

O segundo pressuposto nos faz pensar sobre o sentido do “inter” enquanto o “entremeio”. Há aí um aspecto que se refere aos espaços de encontro com o outro, o lugar físico em que cada indivíduo se faz presente com o outro. Acrescenta-se a ele a experiência dos vínculos que promovem maior consistência para o nosso modo de estar em presença do outro com base nos afetos.

Aqui também afirmamos que nem os espaços do entremeio e nem as relações de vínculos já estão dadas. Precisamos incessantemente formar os novos espaços e cultivar os novos vínculos.

Certa vez perguntaram a Freud o que ele pensava que uma pessoa deveria ser capaz de fazer bem. Quem o perguntava, certamente, esperava por uma resposta complexa. E Freud responde: “amar e trabalhar”. A simplicidade desta resposta, articulada com uma complexidade nela implícita, nos permite pensar que estas duas habilidades estão relacionadas com o vínculo do sujeito com o outro seu semelhante e com os laços estabelecidos em suas relações com o mundo. Tanto o amor quanto o trabalho desenvolvem, em cada sujeito, as condições reais e materiais de sustentação da vida.

William Reich expressou o seguinte pensamento: “Amor, trabalho e conhecimento são as fontes da vida. Devem também governá-la”. O amor cria os vínculos com o outro e garante a multiplicidade das formas de relacionamento entre todos os seres humanos. O trabalho garante os vínculos com o próprio corpo e habilita o sujeito a se sustentar na materialidade de seu existir. O conhecimento produz os vínculos do sujeito com o mundo. Por meio das formas mais variadas da criação de sua obra, garante os modos de estar presente na história em condições de cooperação permanente com todos.

O Papa Francisco – em uma conversa com estudantes de nove países, a partir do programa “Scholas Ciudadania”, realizada em 9 de junho de 2017, proclamava a necessidade de termos uma educação capaz de formar o sujeito integrado em três linguagens: “A linguagem da mente, a linguagem do coração e a linguagem das mãos. Vocês arriscam para que possam pensar o que sentem e o que fazem. Possam sentir o que pensam e o que fazem, possam fazer o que sentem e o que pensam”.

Estas linguagens enunciadas pelo Papa Francisco nos sugerem três dimensões que nos auxiliam na elaboração de um projeto de educação por inteiro.

O debate proposto por este simpósio nos chama a atenção para fazermos uma mudança nas bases materiais de sustentação da vida. Por isso, ele afirma que precisamos de outro modelo de organização da produção das condições materiais da vida, enquanto campo específico de proposta para a economia. Ele aponta os aspectos que nos indicam três princípios de organização: o bem comum deve ser o princípio da economia, a sociedade fraterna deve ser o princípio de organização da política, e a educação integral e humanizadora deve ser o princípio da organização da cultura.

Tal entendimento nos faz perguntar: o que significa uma educação integral? O que significa educar o sujeito por inteiro? Como podemos nos formar como humanos sem nos tornarmos máquinas ou robôs eficientes submetidos a certas demandas de produção sem limites?



A experiência da *Domus* nos faz pensar em modos de combinar uma educação por inteiro com o trabalho de acompanhamento das famílias, afirmando que aí é o lugar onde tudo começa, e este lugar precisa ser protegido e cultivado.

Também podemos pensar em uma educação por inteiro inspirados na experiência da Escola “Colmeia” coordenada por Sébastien Faure, na França, em 1914. Assim o autor nos apresenta um programa de formação integral:

Mediante a vida ao ar livre, uma dieta regular, higiene, limpeza, passeio, esportes e atividade, formamos seres sadios, vigorosos e belos.

Mediante um ensino racional, por meio do estudo atraente, pela observação, o debate e o espírito crítico, formamos inteligências cultivadas.

Pelo exemplo, doçura, persuasão e ternura, formamos consciências retas, vontades firmes e corações afetuosos.

Esta escola não era subvencionada pelo Estado, ela se sustentava com a comunidade movida pelo coração e pela inteligência. Ao descrever este programa o autor nos relata seu testemunho diante de um conflito vivido por ele em sua época. A partir do referido conflito ele fez uma proposta de uma educação mais ousada. Assim nos diz o autor:

No momento em que as duas escolas que na França disputam o coração e a inteligência de nossas crianças, se entregam a um combate encarniçado, cujo resultado mais claro até aqui, consiste em fazer ressaltar aos olhos dos menos prevenidos, as taras, as imperfeições e a insuficiência de uma e de outra, é particularmente útil a fundação de uma terceira escola.

A escola cristã, é a de ontem; a escola laica, é a de hoje, a “Colméia”, é, a partir de agora, a escola do amanhã. A escola cristã, é a escola do passado, organizada pela Igreja e para ela; a escola laica, é a escola do presente, organizada pelo Estado e para ele; a “Colméia” é a escola do futuro, a escola em si, organizada para a criança, de tal maneira que, deixando de ser um bem, o objeto, a propriedade da Religião ou do Estado, seja dona de si mesmo e encontre na escola o pão, o saber e a ternura, que necessitam seu corpo, seu cérebro e seu coração.

Este modo de conceber uma educação integral depende de boas experiências, de trabalhos reais, como a base material das boas invenções de soluções a partir de uma sensibilidade diante do sofrimento de todos. Um trabalho educacional efetivo, orientado por estes princípios implica na formação permanente de um sujeito educador e no desenvolvimento de relações comunitárias em defesa da vida. Outro sujeito e outra cultura de vida comunitária demandam esforços sem descanso em nossas experiências.

## **6. Conclusão**

Com base no que afirmamos anteriormente, concluimos que a proposta de um “novo humanismo” passa pela gramática da alteridade, pelo aprendizado com o outro, pela abertura e pelo acolhimento das diferenças. Em outras palavras, trata-se de um “novo” modo de ser e de estar com outro, com afeto e ternura. Esta é a proposta da *Domus*, já apresentada anteriormente.

E com base nesta experiência, entendemos o quanto é urgente trabalhar este território da “fraternidade” que a cada dia tende a ser colonizado pelo sistema neoliberal e tende a ser corroído pelo veneno do ódio que provoca o adoecimento de nossos vínculos. Neste sentido, ressaltamos que o texto de convocação do Simpósio já nos alertava para a consciência de que todos nós precisamos nos salvar juntos diante de toda esta barbárie que vivemos no tempo atual.

Sendo assim, o importante para a Domus consiste em acompanhar, em cada ocasião e sempre de novo, o movimento de “entrada” e “saída” da própria intimidade, isto é, o movimento que parte da ética e vai à política para retornar à ética, movimento de entrada e saída da “casa”. Recordamos o testemunho de um presidiário que dizia (leio textuais palavras): “Mesmo fechado aqui dentro, sinto em mim um movimento que me faz tremer: estou percebendo que uma coisa é sair e ir para longe de casa sabendo onde está a tua casa e após ter feito experiência dela. Outra coisa é não saber onde está a tua casa e o que ela significa, como aconteceu comigo. Eu conhecia o que era a casa só de cabeça. Me faltou a pele, a carne, o real”. Ou seja, quando falta pão, ternura e sabedoria perdemos o caminho de casa.